

CARTA Á EX.^{MA} SNR.^A D. CAROLINA
MICHAËLIS DE VASCONCELLOS (1)

V. EX.^A foi duma inexcedivel amabilidade, respondendo á minha consulta com a admiravel obra-prima de erudição e de dialectica que é essa carta inserta em o n.º 45 de "A AGUIA". Feliz por ter provocado tão valioso documento, reconhecidissimo pela honra que V. Ex.^A me dispensou, é muito grato para mim deixar aqui exarada a minha perduravel gratidão á insigne romanista, gloria de Portugal e da Alemanha, e bem assim o preito da minha mais profunda admiração.

Entendo que a maior deferencia que se pode ter para quem espalha ideas, é discuti-las. Não a discussão filha do amor proprio ofendido, do espirito de contradicção, da exhibição de vaidade, mas a discussão serena e sincera, ditada por aquele amor á verdade que desafia todos os pragmatismos; e convencido disso, e porque não concordo com as teses fundamentaes da carta de V. Ex.^A, ou que, pelo menos, as acho muito discutiveis, eu atrevo-me, minha senhora, a apresentar as objecções que elas me sugeriram, conscio de que V. Ex.^A me perdoará tão rude sinceridade.

(1) Publicada na "AGUIA", n.º 47

Esta carta dividir-se-ia, naturalmente, em duas partes. Na primeira procurarei fazer ver quanto a hipótese de *gomphus* como étimo de *gonzo*, *gond*, etc., é improvável, apesar das sabias e brilliantes considerações de V. Ex.^a, e dos Ex.^{mos} Srs. Drs. Gonçalves Guimarães e Leite de Vasconcelos.

Como as dificuldades apontadas pelos Drs. Leite de Vasconcelos e Gonçalves Guimarães estão também expressas na carta de V. Ex.^a, a elas responderei, respondendo a V. Ex.^a. A esses ilustres sábios aqui manifesto o meu infinito reconhecimento pela gentilissima forma como acolheram a minha consulta.

Se eu conseguisse abalar a convicção de Meyer-Lübke e de V. Ex.^a de que a palavra provençal *gofon* aumentativo de **gofa*, e a palavra catalã *golfo*, nada tinham de comum com γόμφος, pôde dizer-se que tinha dado um grande passo para a demonstração da tése que vou sustentar.

Já Frederico Diez separava os étimos de *gond*, *gofa*, etc. No entanto, o emiunente sabio, na esteira de Du Cange, entendia que a origem de *gofa* era γόμφος. De então para cá supponho que não tem havido opiniões em contrario desse étimo. Quando muito ter-se-ão separado as formas portuguezas, francesas e espanholas, do provençal e do catalão, como decerto fez Menéndez Pidal, e como fazem os que não aceitam γόμφος como étimo comum; mas todos supõem que *gofa* vem de γόμφος.

Vou submeter á apreciação de V. Ex.^a algumas razões que me levam a crer que, com efeito, *gofu* e *golfo* não saíram de γομφος mas sim, por muito estranho que pareça, do grego κολπος, baixo grego κολφος, que, como é sabido, deu para as diversas linguas romanicas—*golfo*, *golfe*, *gouffre*, etc. Esta tése, á primeira vista paradoxal, dada a divergencia dos sentidos, merece, a meu ver, ser encarada com atenção.

A palavra *golfo* existe em provençal com o sentido ordinario, bem como em catalão. A palavra em francês tem uma forma dupla. Vejamos em primeiro lugar se poderia existir em provençal uma forma dupla. Consultando a Gramatica de Diez, vemos que póde. O eminente filólogo diz-nos que, no provençal, no fim das silabas, o *l* alterna com *u*: *val vau*, *leyal leiau*, *altre autre*, que a maior parte dos manuscritos admite as duas formas ao mesmo tempo, e que na lingua moderna o *u* penetrou mais profundamente ¹.

Teriamos assim a explicação do desaparecimento do *l* e a possibilidade das duas formas **gouf* = **gofu* ², e *golfo*.

Em francês dá-se fenómeno semelhante com *golfe* e *gouffre*.

¹ F. Diez - "Grammaire des Langues Romanes", tr. de Auguste Brachet et Gaston Paris, ed. de 1874, vol. 1.º pag. 373.

² A pronuncia moderna *gouffoun* parece justificar esta egualdade. Quanto a *gounfoun*, o *n* da 1.ª silaba viria por influencia do da ultima.

Em catalão ainda Diez nos diz que o *l* não se resolve habitualmente em *u*¹. Assim, não é de esperar que haja um duplo em catalão—uma forma sem *l*, outra com *l*. Com efeito, em catalão há *golfo* = gonzo e *golfo* com o sentido habitual.

Parece-me que a palavra κόλπος tinha virtualidades para dar um gouzo. É esse sentido de girar que passou para o *gouffre* francês, que é também um remoinho, um torvelinho. Os lexicógrafos ingleses definem *gulf* "a whirlpool"².

É curioso observar que há em Português uma palavra que significa gonzos, que não vem registada nos dicionários: é *giros*, segundo me informou um negociante de ferragens. Essa palavra que eu mais tarde documentarei, vem evidentemente de *girar*. A palavra *geringonça*, que também significa coisa oscilante, mal segura, caranguejola (é nesse sentido que o povo português a emprega) e que parece ser formada, como já o viu Rosal³, de giro e gonzo, mostra como as duas ideias andam associadas.

Assim, não seria muito estranho que κόλπος desse qualquer espécie de gonzo. Se em alguma língua romana, á parte o catalão e o provençal, se encontrar *golfo* com o sentido de

¹ Diez — ob. cit. vol. 1.º, pag. 104.

² Royal Dictionary English and French, by Fleming and Tibbings, s. v. Gulf.

³ Primer Diccionario General Etimológico de la lengua española, por D. Roque Barcia, Barcelona, tomo II s. v. *geringonza*.

gonzo, e que não se explique pelo provençal ou pelo catalão, a nossa hipótese de que *κόλπος* tem virtualidades para dar um gonzo, atingiria uma grande probabilidade.

Ora existe um caso desses. Trata-se do português. A palavra portuguesa *golfo*, significa também uma espécie de gonzo ou parte de gonzo. Diz Eduardo de Faria: "Golfos—peças de ferro que se prégam pela parte exterior do navio, á face do batente superior das portas das peças, para nelas girarem as missagras (sic) das portinholas^{1.}"

O Dr. Candido de Figueiredo também define: "Golfo... peça de ferro em que giram as missagras das portinholas dos navios^{2.}"

É Jayme de Seguiet: "golfo—Peça de ferro em que giram as bisagras das portinholas dos navios^{3.}"

É verosímil que este sentido de *golfo* nos viesse do provençal ou do catalão?

Do provençal, parece que não, porque não se explicaria o *l* português. Seria *gofu*, porque a forma de *κόλπος* que se especializou em gonzo, em provençal, foi *gofu*.

Temos o catalão, mas o nosso léxico, ao que parece, pouco lhe deve.

¹ Eduardo de Faria—Novo Dicionario da lingua portugueza, 2 vol 3ª edição. Lisboa, Imprensa Nacional. 1857. 2.º vol. s. v. *golfo*.

² Dr. Candido de Figueiredo—Novo Dicionario da lingua portuguesa, 2.ª ed. s. v. *golfo*.

³ J. de Seguiet—Dicionario Pratico Ilustrado.

A hipótese mais simples é a que propús. *Χόγπος* tinha em potencia um gonzo como se vê pelo sentido de torvelinho que aparece em *gouffre*, e que também aparece nos diferentes *golfses* e *golfos*, e, sobretudo, pela nitidez do significado da sua forma portuguesa.

Se esta hipótese é aceitável, *gomphus*, como étimo de *gofu* desaparece.

Se, pois, o significado de gonzo que têm o *gofu* provençal, o *golfo* catalão e o *golfo* português não fôr uma convergencia casual, o que não é de supôr; se não se tratar em português da importação do sentido de gofo e golfo; a hipótese do étimo *gomphus* tem de ser abandonada, pelo menos, é claro, para o provençal e para o catalão. E sem essas duas formas, que com evidencia pareciam provir de *gomphus*, quem se lembraria de apresentar este *gomphus* como protótipo de *gonzo* ou *gonço*, de *gond* e de *gonce*?

A indeterminação era muito grande. Muitas outras palavras gregas ou latinas poderiam disputar a categoria de progenitoras. Irmãos os gonzos francês, espanhol, português, catalão e provençal, o grande argumento em favor da origem *gomphus* era o *f* do provençal e do catalão. Esse *f* estaria para essa hipótese como o anel de Saturno para a de Kant-Laplace. Tanto se estava na verdade com o étimo *gomfus*, poderia dizer-se, que o provençal ainda tinha conservado o *f*. Separados, esse argumento, o mais objectivo, falharia. E falhando esse argumento, todos os outros, seus subsidiários, achar-se-hiam muito comprometidos.

Procederei ao estudo de alguns desses argumentos apresentados por V. Ex.^a em favor de *gomphus*, examinando o seu valor intrinseco.

V. Ex.^a diz que não é necessario procurar-se a ideia de articulação em *condylus*, que *gomphus* a teve, provavelmente, como o prova o derivado scientifico *gomphose*. Mas *gomphose* não contem a ideia de articulação. É abusivamente que se fala de articulação por *gomphose*. É essa a opinião de Dechambre, Matias Duval e Lereboullet. "Gomphose:—On a donné ce nom à l'implantation des dents dans les alvéoles, et on a appelé articulation par *gomphose* celle qui se fait ainsi par l'implantation d'un os dans une cavité, *comme une cheville dans un trou*; articulation qui n'a du reste d'autre type que celui de l'implantation des dents, *si tant est qu'on doive considérer cette disposition comme représentant une véritable articulation* ¹."

É uma *clavatio* de que se trata. O prego espetado na madeira não é, evidentemente, uma articulação, da mesma forma que o não é o dente espetado no alvéolo. Este sentido de cravamento que tem *gomphose* era de presumir, dada a sua derivação de *gomphus*, que é uma cavilha, um prego, uma cunha, e que se alguma virtualidade tem é a de significar dente, como se vê da sua etimologia.

O eminente Boisacq, no seu dictionario

¹ Dechambre, Duval et Lereboullet — "Dictionnaire Usuel des Sciences Médicales, Masson et C. 3.^a ed. s. v. *gomphose*."

etimológico da lingua grega, ainda em publicação, abundantemente estudada essa etimologia. "Γόμφος, croc, cheville, clou; γόμφιος (όδούς) m. (=skr. jambhyah) molaire; γαμφηλαι γαμφαι f. pl. mâchoires d'animal; γόμφος=skr. jambhah) dent, pl. denturé; alb. guégue *damp* dent (G Meyer—Alb. Spr; 83) v. l. a. *chamb*; v. norr. Kambr, outil dentelé; peigne; lit *zambas* arête d'une poutre; v. slav. *Zabu*, lett. *subs* dent, i. e. **gompho*—s, denture, dent; etc., etc.¹..

Como se vê, se γόμφος tem algum sentido latente, alguma significação em potencia, é a de dente, que aparece nos derivados e compostos γόμφιος, γόμφιαζω, γομφίασις, γομφιόδοντος, etc. A idea de articulação só lhe poderia vir de maxila, pois que, com efeito, existe em sanskrito *jambha*-s, maxila²; mas essa maxila pode ter bem o sentido de conjunto de dentes, pente, *kamm*.

Segui com a maxima atenção os raciocínios de V. Ex.^a demonstrando como do espigão (*gomphus*) parte da dobradiça, se passou ao todo. É notavel contudo que, outros termos que designam *gomphus* (se é que alguma vez se chamou ao passador da dobradiça *gomphus*) não tenham vindo a dar gonzos por identico processo. Nem espigão, nem passador, nem eixo, se elevaram a tal categoria. O que se vê, antes, como mais

¹ Emild Boisacq—Dictionnaire Étymologique de la Langue Grecque, Lib Klincksieck, s. v. γόμφος.

² Victor Henri—Précis de Grammaire Comparée de l'Anglais et de l'Allemand, 1893, pag. 74.

adeante insistirei, é a tendência dos termos que representam articulação a se transformarem, por uma natural associação de ideas, em gonzos.

É certo que V. Ex.^a argumenta com a palavra *bisagra*, principalmente, e não desconheço a gravidade do argumento, que mostraria como uma especie de cavilha duas vezes bicuda (bisagra ou bis aguda), um verdadeiro passador, se transformou em gonzo.

Ha, porêm, em francês, um conjunto de formas semelhantes — *bisaigre* — *biseigle* — *bisaigue* — *besaigüe* — que muito perturbam a visão uítida das origens. Assim, Darmesteter ou seus colaboradores, no seu dicionario, separam as etimologias de *bisaigue* e *besaigüe*. "*Bisaigue*... Origine incertaine. On trouve aussi *bisaigle*, *bizegle* (cf. it *bisegola*, esp. *bisagra* (ce qui empeche de voir dans ce mot une autre forme de *besaigüe*. Peut-être composé de *bis* et du rad. du lat *æquare*, *egaliser*¹."

Eu suponho que estas diversas formas, talvez até formas eguaes, podem ter origens diferentes. O feitio dos varios instrumentos que representam, já nos póde fazer suspeitar que — *bis* — mais um termo que signifique azas, ou qualquer termo que represente machado, etc., convinha á palavra *bisagra*.

A arma antiga *bisaigue*, uma especie de alabarda, evolução ou regressão, talvez, da *bipennis*, "*eine zweischneidige Axt, Doppelaxt*,"¹ pode-

¹ Heinischen Lateinisch-Deutsches Schulwörterbuch, s. v. *bipennifer*.

ria ser formada de *bis securis*, cf. o it. *bisegolo*=bis segoio, machadinha, se é que *segolo* procede de *securis*. Assim se justificava a pronuncia de *missagra*. Não encontrei o significado de arma nas bisagras, etc., de outras linguas. É possível que o tivessem, e esse nome fosse vencido pelos de alabardas, partasanas, etc., etc.

Bis com um termo representando azas, tambem daria, á semelhança de *bipennis*, o mesmo instrumento. Mas como daria *ala* a palavra em questão? Não sei. Só talvez de *bis* com alguma sua forma arcaica, como *ascula*⁽¹⁾ ou *acsla*⁽²⁾. Poder-se hia invocar tambem *bis*+qualquer forma da palavra aguia, que seria o nome das aguias geminadas que aparecem em braços e armas, e *bis*+*ascia*, enxó (*besaigüe* em francês tambem significa enxó de calafate, que corta dos dois lados, ou qualquer seu deminutivo. Para o caso do vinho quasi avinagrado, deve tratar-se com efeito de *bis aigre*.

A inspecção dos diferentes instrumentos de vidraceiro, sapateiro, calafate, carpinteiro e de soldado, que teem designações idênticas, faz regeitar, no entanto, a idea de *bis bicudo*, permita-me V. Ex.^a o termo, postulando antes a ideia ou de *bis cortante*, ou de *bis machado*, ou de *bis aza*, ou ainda, de certo modo, a de *bis igual*.

(1) Henry Roby — A Grammar of the Latin Language, vol. 1.º 1887, pag. 330.

(2) Lyndsay — A Short Historical Latin Grammar, 1895, pag. 158.

Na verdade os utensilios dos carpinteiros tendo uma extremidade em forma de escopro, sugerem a idea de bis-cortante, nunca a de bis-bicudo. Assim tambem os utensilios dos sapa-teiros, pois que as suas extremidades não terminam por bicos, mas sim por gumes, e não compreendo como a sua forma antiga fosse sensivelmente diferente da de hoje, pois que com bicos mal poderiam brunir as solas do calçado.

Resumindo, não encontro nenhum objecto com nome idêntico, de feitio semelhante ao do picão, e se, por acaso *bisegre* equivallesse a bis-agudo, esse agudo deveria ser tomado, a meu ver, no sentido de cortante.

Se o que digo tem razão de ser, a bisagra dobradiça de que não falei, explica-se não por o passador duas vezes agudo nas extremidades, mas sim, e cabalmente, pelas suas chapas metálicas, que se podem assemelhar a machados, a coisas cortantes, a azas e até a águias, como me lembro de ter visto em moveis antigos.

II (1)

Parece, com efeito, que existe a tendencia de se transformarem em termos designativos de gonzos os que tinham o significado de articulações em geral, ou de determinada articulação. Uma sumária investigação mostra-nos que estão neste caso γίγγλυμος—articulação (em anatomia *ginglymo*) e tambem gonzo, charneira; στροφιγῆ, vértebra, articulação, e gonzo: στροφεύς, vértebra do pescoço ou da espinha dorsal, e gonzo de porta; ἄγκών, cotovelo, e articulação (2), e cujo diminutivo ἄγκωνίσκος tem tambem o sentido de gonzo, segundo alguns lexicógrafos, fundando-se, segundo creio, na tradução duma passagem do Exodo (XXVI).

Recordo a V. Ex.^a estes factos com o fim proximo de tratar da palavra quício, e com o mais remoto de justificar *condylus* como progenitor de gonzo.

Vamos à palavra quício. V. Ex.^a explica-a, e muito bem, como sempre, como palavra onomatopáica. Seria a imitação do ranger dos gonzos, que já impressionou Vergilio, a origem desse nome. Eu devo confessar, porém, a V. Ex.^a, que acho extremamente perigosas as tentativas de tais explicações. Com alguma boa vontade, mui-

(1) *Agua*, n.º 49 (2.^a serie).

(2) Alexandre—*Lexique Grec-Français.*, v. ἄγκων.

tas palavras, que são, sem dúvida, doutra procedência, pareceriam ter essa origem. A própria palavra gonzo, com um bocadinho de complacência, indispensável em tais casos, e tendo-se em vista o característico rangido, não poderia dar a ideia do ruído em questão? Por tais motivos, creio que só em último caso se deverá empregar esse critério.

Donde vem então quício? Tenho um certo receio de enunciar uma hipótese que já foi feita acerca da origem dessa palavra, e tenho esse receio porque, com certeza, V. Ex. a conhece, e, visto como a não menciona, certamente a encontra destituída de verosimilhança. As considerações que acabo de fazer sobre as articulações darem gonzos, talvez reforçassem essa antiga hipótese, como se vai ver, e pôde ser que V. Ex.^a, encarando-a sob um outro aspecto, a não rejeite inteiramente, a não ser que alguma dificuldade de ordem fonética, que no momento não vejo, a torne de todo o ponto impossível.

Refiro-me á opinião corrente, suponho, entre os espanhoes, que faz vir quício da palavra latina *coxa*. Depois de nos dar a definição de quício, D. Roque Barcia, discutindo a etimologia desta palavra, diz: "Latin *coxa*, bajo latin *coxa*, la parte superior del muslo y angulo entrante. El latin *coxa* tomó en el romance la forma de *quisse*, simétrica de quício." (1). Tambem

(1) "Primer Diccionario General Etymologico", por D. Roque Barcia, Barcelona, tomo IV, s. v. quicio.

Litré assim se refere á etimologia de *cuisse*: "ant. *quisse* (dá varios exemplos). Etym. Bourguig. — *queusse*, prov. *cueissa*, *coissa*, *cuyssa*, port. *coxa*, it. *coscia*, — do lat. *coxa* (1)." Assim se vê a instabilidade do *o* de *coxa*. Suponho que não é dificuldade de maior o facto de *quisse* ser grave e quício exdrúxulo; outro tanto não se dá com o sentido, entre os quaes parece haver um abismo.

Adiemos por um pouco o assumpto e vejamos no mesmo dictionário espanhol a palavra *quijada*. Aí se apresentam várias etimologias que têm sido propostas, pelo teor seguinte: "1.º Forma de *capsa*, caja (Cabrera, *co duda*); 2.º Vale como cajada, por ser el encaje de las muelas y dientes (Covarrubias); 3.º Quixar ó quixada es como chiliar, de chilos, etc.;" e continua: "Ninguna de las anteriores interpretaciones es aceptable bajo ningún punto de vista. *Derivación*.— Latin *coxa*, hueso del anca, la parte superior del muslo, angulo entrante; y por extension, parte saliente, etc."

Parece-me que o dicionarista só acertou em parte. Se *coxa*, veio a dar para o espanhol, além de *cuja*, etc. a forma *quijada*, não foi por ser a "parte superior del muslo, angulo entrante," uma parte articulante. Que pode haver de comum entre *coxa* e *queixada*? Sem duvida que somente o serem articulações. Ora se *coxa* deu *quijada*,

(1) Litré — "Dictionaire de la Langue Française", v. *cuisse*.

foi porque o facto da articulação impressionou o povo, e, nesse caso, torna-se muito verosímil que também *coxa* desse quíscio, em conformidade com a tendencia que aponteí.

Sendo assim, tinhamos a etimologia da palavra portuguesa queixo que tem embaraçado seu tanto os lexicógrafos. Não viria de *capsus*, como, pretende Diez ⁽¹⁾, nem de *quasso*, eu quebro, mas, na impossibilidade de se separar *quijada* de queixada, tanto pela forma como pelo sentido, procederia mediatamente (pelo espanhol) de *coxa*.

Não sei o que sobre isto dizem os dicionários de Körtling e de Meyer-Lübke. Não os tenho, nem os tem a Biblioteca Municipal do Porto. De Meyer-Lübke li as considerações que faz na sua gramática ⁽²⁾. As "Apostillas aos Dicionários portugueses" pouco adiantam ⁽³⁾. A forma popular *dar aos queixos*, no sentido de comer, mostra, com efeito, que o povo notou o movimento de abrir e fechar, do funcionamento das maxilas.

A própria palavra provençal *cals* ⁽⁴⁾ explicar-se-ia também por *queisse* ou *cueissa*, pois que o provençal gosta do som *ai* ⁽⁵⁾ e muitas

(1) Diez — "Etymologischss Wörterbnch der Romanischen Sprachen, fünfte ausgabe.", v. Casso, pag. 91.

(2) Meyer Lübke — "Grammaire des Langues Romanes", tr. de Rabier, etc. Vol. 1.º, pag. 411.

(3) G. Viana — "Apostilas", 2.º vol. pag. 321 e seg.

(4) Diez, id. pag. 91.

(5) Diez — "Gr. des Langues Romanes", tr. de Brachet e G. Paris, vol. 1.º, 1874, pag. 364.

vezes *ai*, na sua qualidade de som mais cheio, substitue *ei* ⁽¹⁾.

Como quer que seja, parece-me que esta hipótese do quício espanhol (progenitor do português quicio ou quisso) ter como étimo *coxa* deve ser cuidadosamente estudada, antes de se apelar para a explicação por palavra onomatopáica.

Ainda outro caso de uma articulação dar um gonzo, se os nossos antigos lexicógrafos se não enganam. Vou falar da palavra couceira, que, além do sentido bem conhecido, parece ter o de gonzo. Não sei, já digo, se haverá confusão. O que é certo é que se lê no dicionário português e latim de Fonseca: "Gonço, ou Gonzo, *couceira*. Cardo, inis, etc. ⁽²⁾."

Da mesma forma se lê no magnum Lexicon: "cardo, inis—A couceira da porta, etc. ⁽³⁾." Se se admite que couceira tivesse tido o sentido de gonzo, conforme as duas primeiras citações, e sabendo-se que couceira vem de couce ou coice, e que este vem de *calx*, calcanhar, facilmente se explicará esse sentido.

Couce também significa calcanhar ⁽⁴⁾. Ora o pé dobra no calcanhar, o calcâneo articula-se com o astrágalo e o cuboide. E eis como ainda

(1) Diez—id., pag. 365.

(2) "Dicionário Português e Latim", de Pedro José da Fonseca, 7.^a ed. 1861, v. gonço.

(3) "Magnum Lexicon, v. cardo.

(4) P. ex. Dr. Cand. de Figueiredo—"Novo Dicionário"—v. coice.

da ideia de articulação se poderia passar a couceira=gonzo. Se o caso de couceira pôde parecer duvidoso, não o é porém o da palavra *coicil* ou *coucil*, prov. trans. que é um gonzo, e que se encontra registado no Novo Dicionario, de C. de Figueiredo. Todas as considerações que fiz a proposito de couceira se applicam, pois, a *coicil*, que tambem parece provir de coice, e bem assim a *coucilho*, mesmo sentido.

Haveria ainda casos interessantes a tratar, como por exemplo, a etimologia de *cardo*; como, porém, não encontrei documentação que me satisfizesse, não falarei numa hipótese que me ocorrerá. Nada direi tambem sobre os sinónimos italianos de gonzo, já porque não são essenciaes às nossas teses, já porque algumas reflexões que tencionava fazer, especialmente sobre *ganghero*, pouco se relacionavam com o assunto.

E está terminada a primeira parte deste ensaio, no qual, como disse, pretendia apresentar a V. Ex.^a as razões por que divergia da opinião de V. Ex.^a acerca da origem de gonzo. Contra a opinião do Snr. Menendez Pidal oponho apenas a diferença de sentido, que é consideravel.

• * •

É possível que κόνδυλος não denominasse articulações em geral, como V. Ex.^a diz. No entanto, é de estranhar que alguns dos mais conceituados dicionaristas salientem, na definição de κόνδυλος, o seu caracter de articulação. Exemplos:

“Κόνδυλος, ου (ό)—Articulation des os, mais surtout articulation des doigts de la main, etc. (1).”

“Κόνδυλος, ου (ό). Articulation; renflement formé par les articulations, etc. (2).”

Tenho consultado, de passagem, algumas edições mais modernas dos citados dicionários, e a definição mantém-se. Mas o mais grave é que o recentíssimo léxico de Boisacq, que já citei no artigo anterior, também diz: “Κόνδυλος, ου—articulation; poing fermé, coup de poing; bourrelet des gencives... (3).”

Admitindo mesmo que se trate de uma “força de expressão” o que não é muito admissível, pôde-se contudo afirmar que *condylos* não significava somente as articulações dos dedos: Abrindo o velho Scapula, vamos lá encontrar o seguinte “Κόνδυλος dicitur etiam junctura in brachio et humero, etc., Poll. lib. 2 (4).”

Uma prova dum certo valor de que *cōndylo* não era a modesta articulação dos dedos somente, é a sua fortuna em anatomia.

Ocorre-me uma explicação da origem da palavra, que dou somente a título de curiosidade, sem lhe ligar grande importância. Seria quando

(1) C. Alexandre—“Dictionnaire Grec-Français, 1869, v. Κόνδυλος.”

(2) Chassang—“Nouveau Dictionnaire Grec-Français, 1872, s. v. Κόνδυλος.”

(3) Boisacq—“Dict. Etymologique de la langue grecque”, s. v. κονδυλος.

(4) J. Scapula. “Lexicon Graeco-Latinum, 1665, s. v. κονδυλος.”

muito um caso a examinar. Pensei que o grego *Κονδυλος* poderia ser formado de *Kom* e dum termo derivado da raiz *du*.

Efectivamente, *kom* existe e Lindsay diz a proposito da preposição latina *cum*: "cum—older *com* (a form still retained in composition, e. g. *com-es*, a companion), is I.-Eur. *Kom* (o breve) (1)". Acerca da raiz *du*, fala o prof. Fumagalli, nos seguintes termos: *Dux*—(= *duc-s*) dalla rad. *du* (2) *andare*, *muoversi* (cfr. *δύνω*, *δύομαι*) quindi *du-k* far *andare*, etc. (3). A essa mesma raiz se refere Max Müller, dando-lhe o sentido de—*mover-se* (4).

Ora eu, como dizia, lembrei-me que *kom* + uma palavra de base *du*, daria um termo que significasse qualquer coisa como *mover-se* juntamente, *mover-se* ligado, que perfeitamente convinha a um nome de articulação. As palavras sânscritas que Boisacq apresenta como da mesma familia, pôdem ser doutras origens ou já terem sofrido as alterações de sentido que sofreu *condylus*. Para *Kanduka-m-coxim*, o sentido ainda não desconvinha.

(1) Lindsay—A Short Historical latin grammar, pag. 130.

(2) Contudo Bopp deriva *dux* da raiz *duc*. Bopp, "Grammaire Comparée des Langues Indo-Européennes", tr. de Bréal, vol. 1.º, pag. 124.

(3) Carlo Fumagalli—"Le Principali Etimologie della Lingua Latina", Verona, 1889, pag. 59.

(4) Max Müller—"Nouvelles leçons sur la Science du Langage", tr. de Harris et Perrot, 1867, pag. 267.

III (4)

Não é de crer que o termo anatómico divergisse muito da primitiva significação. Nós vemos *condylo*, em anatomia, ligado a sistemas articulantes.

Não é, certamente, por ser uma saliência arredondada que toma tal nome, mas por engranar com uma cavidade cotiloide, sobre a qual se move. Assim, segundo creio, os gonzos que tomam a forma material dum espigão, são homólogos das saliências osseas que se chamam cõndilos. Sabemos que, ás vezes, um gonzo se move até sobre um fundo de garrafa, representante, evidentemente, da cavidade cotiloide. Qualquer saliência mais ou menos alongada póde ser um espigão, um *gomphos*, mas nem toda a saliência, mesmo arredondada, póde ser um cõndilo. Precisa de possuir a virtude articulante, de envolver a noção de movimento, para o ser.

Posto isto, direi, a V. Ex.^a que encontro uma prova de grande valor para a minha hipótese, na convergência do termo anatomico — cõndilo — com certa acepção de — engonço. Falo da expressão popular *boneco de engonços*, que V. Ex.^a também cita. Se quizessemos traduzir essa expressão em linguagem scientifica, poder-se-hia rigorosamente dizer — um boneco de condylos ou

(4) *Agua*, N.º 51 (2.^a série).

em condylos. Ora o acaso não daria esta identidade. Mas há mais. Já ouvi dizer (e foi até uma das origens da minha hipótese) dum homem a quem saíram os condylos do maxilar das respectivas cavidades glenoides—que tinha os queixos desengonçados. Aqui, desengonçado, equivalia dalgum modo a—desencondylado.

Estes dois factos accusam uma iniludível analogia de sentido entre cõndilo e gonzo=engonço, e conjugados com a *possibilidade*, que V. Ex.^a reconhece, das evoluções fonéticas propostas por mim, adquirem, parece-me, uma importancia muito séria.

Com efeito, V. Ex.^a diz-me que são possíveis as evoluções fonéticas que propus, se bem que pouco vulgares, anormais mesmo. A sua possibilidade, no entanto, já alguma coisa representa. Que poderoso acaso intervem para tornar a minha hipótese tão verosimil sob o ponto de vista da semântica, ao mesmo tempo que possível sob o ponto de vista da fonética?

Para levantar a indeterminação que envolve a etimologia de gonzo, eu aludi ao *d* do francês *gond*. Devo confessar a V. Ex.^a que tinha lido na íntegra o art. de Littré, que tinha visto os exemplos a que V. Ex.^a se refere, que parecem mostrar que esse—*d*— é espúrio. Não me referi, porém, no primeiro artigo a esses factos, pela razão de ver o caso um tanto obscuro, arrastando-me a divagações que queria evitar num conciso artigo de simples exposição. A obscuridade a que me referi é a seguinte:—A primeira forma de *gond* seria *gon*? Os exemplos de Littré

e Godefroy parecem dar uma prova decisiva. E, no entanto, ha uma d vida a esclarecer, uma duvida fundada, como passo a expôr a V. Ex.^a.

Ha um pequeno livro, póstumo, de Ars ne Darmesteter, que tem por titulo "Cours de Grammaire Historique de la langue française". O livro   assim apresentado por James Darmester:

"La Grammaire historique de la langue française, dont la première partie paraît aujourd'hui, par les soins de M. Ernest Muret, est sortie d'un cours professé par mon frère à l' cole normale des filles de S vres, de 1881 à la date de sa mort, novembre 1888". E mais adiante: "Un ancien élève de mon frère, M. Ernest Muret, a bien voulu, sur la demande de Madame Arsène Darmesteter et sur la mienne, accepter la tâche délicate de réviser le manuscrit et de remplir les lacunes que l'auteur avait laissées, sur quelques points réservés, et que la mort ne lui a pas laissé le temps de combler lui-même. Je le prie de recevoir nos remerciements et lui laisse à présent le soin d'exposer la façon dont il a entendu sa tâche (1)". Cito estas passagens com o fim de mostrar a grave responsabilidade que assumiu Ernest Muret, e, por outro lado, a confiana que nele tinha o ilustre autor do "Ormazd

(1) Arsène Darmesteter — «Cours de Grammaire Historique de la langue française», Première partie: phonétique, publiée par les soins de M. Ernest Muret — 2.^e édition revue et corrigée, Paris, Lib. Delagrave, 1895, pag. I e VIII.

et Ahriman». Para excluir a possibilidade de erro tipográfico, vamo-nos servir da segunda edição *revue et corrigée* da referida obra.

Ora vai V. Ex.^a ver o que é absolutamente desconcertante. A pag. 116 desse livro, fazendo-se a historia da pronuncia francesa do V ao X século, aparece a seguinte lista de palavras:

grandem	grant
gloria	glorie, gloire
gomphum	gont, gond
gula	gueule

Como V. Ex.^a notará, dá-se aí a forma *gont* como anterior a *gond*. Não será inadvertência de Ernest Muret, apesar do cuidado e escrupulo que ele no prefácio diz ter tido? Ainda um caso interessante a resolver.

Mas se admitirmos que tal se não deu, que Darmesteter ou Muret se fundam em factos, então o meu modo de vêr receberia um valioso auxilio.

V. Ex.^a parece conceder, contrariamente ao Snr. Dr. Leite de Vasconcelos, que cõndylo pudesse dar *gon*. Assim, essa forma francesa ainda recebia explicação pela minha hipótese. Mas, tratando-se de *gont*, esse *t*, parece-me, indicaria melhor ainda a sua proveniencia do *d* de *condylus* pois que, segundo Brunot, o *d* final (supondo que *condylus* se tornasse em *gond*) em romance, dá *t* e seguidamente *d*, ex.: *nidum* >

nit > nid ⁽¹⁾. Assim se explicaria *gont* e *gond*. Quanto ao desaparecimento do l intervocalico, compare-se *datte* < *dactylus*, *ange* < *angelus*, *amande* < *amygdala*, etc.

Faltaria explicar, da serie de formas românicas (eliminando *gofo*, *golfe*, e *golfo*, por provirem de *κόλπος*, e *gozne*, resultado de tendencias metatéticas, como V. Ex.^a diz) a palavra espanhola *gonce*. O l intervocalico pôde cair ou vocalizar-se em espanhol? Diez faz vir acebo de *aquifolium* ⁽²⁾. O grupo *dí* dá sibilante, ex.: *verecundia* < *verguenza*. Reconheço, comtudo, que a forma de mais difficil explicação é a espanhola, a não ser que se recorra á hipótese de luzitanismo, que as datas citadas por V. Ex.^a do primeiro *gonce* e do primeiro *gonço* que conhece, não tornam impossivel, visto como a diferença dessas datas é muito pequena.

. * .

Terminarei com algumas palavras em defesa das evoluções fonéticas que propus. Dá-se no portugûes o acaso singulurissimo de serem possiveis essas tres modificações que explicam a palavra *gonzo*. Esse acaso, junto ao acaso não menos extraordinario da significação convir com a palavra *condylus*, torna, quanto a mim, muito provável a minha hipótese.

(1) Brunot — "Précis de Grammaire Historique de la Langue Française.", 4.^e ed. pag. 110.

(2) Diez — "Gr. des Langue Romanes.", vol. 1.^o, pag. 273.

Essas evoluções são raras? Mas de qualquer modo que se explique *gonzo*, havemos de encontrar evoluções muito raras, dadas as dificuldades que todos têm encontrado quando estudam a sua etimologia. Ha caso mais raro do que o previsto na hipótese aliás elegantissima e engenhozissima de Meyer-Lübke, adoptada por V. Ex.^a? Poucos mais casos haverá alem de *lis*, e ainda um caturra poderia argumentar que tal palavra não deu *lice* para o espanhol, nem *lizo* ou *liço* para o português. Mas era, evidentemente, argumento de pouco valor.

O que é certo, porém, é que esse facto é muitissimo raro.

Concordando com V. Ex.^a na raridade das evoluções por mim propostas, farei todavia, algumas considerações mais, em aditamento ao meu primeiro artigo.

A' primeira vista, pode impressionar como o abrandamento do *c* inicial, em *g*, se desse simultaneamente em francês, em português e em espanhol. Mas não se dá tambem esse abrandamento em *golfe*, *golfo*, *gouffre*, etc., que derivam de *κόλπος*? Não se dá tambem o mesmo com a palavra latina *cavea*, que deu em geral para as diferentes linguas romanicas, termos com *g* inicial? (1)

O abrandamento do *c* em *g*, se bem que raro, é comum ás diferentes linguas romanicas,

(1) Meyer Lübke - "Gr. des Langues Romances", vol. 1.º, pag. 432.

e é registado, entre outros, por Diez (1) e por Ayer (2), ex. *Conflare gonflere, camella gamelle*, etc. Em italiano, em português e em espanhol, também se dá esse facto (3).

Em português, além dos exemplos dados por mim e dos acrescentados por V. Ex.^a, ainda outros se poderiam citar, como *golfo* de *κόλπος*; *grenha*, de *crinis*; *greta*, de *creta*, *gravata*, do fr. *cravate*, *graveta* por *craveta*, etc. (4)

A transformação de *di*, *de*, *dy* em *ç* ou *z* é também comum ao latim popular e às línguas que dele nasceram (5).

Diez dá vários exemplos, nas várias línguas românicas, como V. Ex.^a muito bem sabe. Mas o ponto principal é que V. Ex.^a diz que não se recorda de que esta evolução se dê quando este grupo está precedido de *n*. Provavelmente V. Ex.^a rejeita o exemplo que apresentei, tirado da gramática do Sr. Dr. Gonçalves Guimarães (6)—*frondea fronça* ou *frança*, ou então passou-lhe despercebido, o que não é de crer. Parece-me, contudo, que essa etimologia é evidente, sobretudo

(1) Diez — Gr. vol. 1.º pag. 217.

(2) Ayer — "Grammaire Comparée de la Langue Française", 1885, pag. 72.

(3) Diez — "Gram. des Langues Romanes", vol. 1.º, pag. 226.

(4) Estes exemplos são tirados do dic. do Dr. Candido de Figueiredo.

(5) Diez — Ob. cit., vol. 1.º, pag. 216

(6) Dr. G. Guimarães — "Gram. Elementar da Língua Latina", pag. 24.

se a compararmos com o que se dá em valáquio, onde *frondem* deu *frunze* ⁽¹⁾.

Como quer que seja, ha vários exemplos nas línguas românicas do grupo *dy, de, di*, evolucionar para sibilante, como *verecundia*, o tambem já citado do val. *frunze*, o italiado *penzolo*, etc. Parece-me tambem que V. Ex.^a admitiria que *gondium* desse gonce, gonço ⁽²⁾.

A propósito da queda do *l* intervocálico em palavras nas condições de cõndylo, os próprios exemplos que V. Ex.^a deu (perigo e bago) são concludentes.

Ha uma objecção que, a ser procedente, seria grave, e que me foi feita na primeira das obsequiosissimas cartas do Sr. Dr. Gonçalves Guimarães — o ser *condylus* uma palavra científica, não podendo, portanto, sofrer as evoluções, que imaginei. Científico, porém, é o relativamente moderno termo anatómico. Em grego não o era, e em latim muito menos, pois que Marco Capela lhe atribue a significação de flauta e Festus a de anel! E com risco de parecer subtil, notarei a propósito que seria de esperar que γόνυς ou qualquer derivado seu desse um gonzo, em harmonia com a tendência que apontei. Parece, no entanto, que não deu, mas note-se que um dos significados de γονάτιον (pequeno joelho, outras vezes pequena articulação) é *anel*, que é frequentemente um elemento dum gonzo. Cf. com o significado *anel* de *condylus*.

(1) Diez, Gr. vol. 1.º pag. 217.

(2) D. Carolina Michaëlis, v. supra.

A minha afirmação de que *condylus* tinha significado idêntico ao da mesma palavra em grego, foi feita segundo os dicionários de Freund e de Quicherat.

Terminando, cumpre-me esclarecer e documentar certos pontos dos meus anteriores artigos à-cerca desta palavra *gonzo*.

A-propósito de *κόλπος* dar *golfes*, etc., no sentido de *gonzo*, disse eu que em português havia a palavra "golfos", também com o sentido de, pelo menos, uma parte de *gonzo*. Depois disso soube ⁽¹⁾ que há uns cincoenta anos o termo para designar *gonzos* de portas, era *golfes*.

Disse também que documentaria *giros* na acepção de *gonzos*. Além do testemunho do negociante de ferragens a que me referi em nota, citarei a última tabela de preços da fabrica de ferragens a "Imínio", de Águeda, que menciona—giros para moveis—e a tabela de preços de 1 de setembro de 1915 de "A Productora", fabrica de ferragens a vapor, rua da Cavada, n.º 497, Porto, que faz igual referência. Estes giros para moveis são, segundo me explicaram, verdadeiros *gonzos* de guarda-vestidos.

Seria, contudo, só pelo sentido de movimento circular (que passou para várias línguas) que *κόλπος* se converteu em *golfe* = *gonzo*?

É digno de atenção o facto da palavra *ἀγκών*, que significa entre outras coisas articulação ⁽²⁾

(1) Informação do Snr. Joaquim de Sousa, com officina de serralheria em Matozinhos.

(2) Alexandre — "Lexique Grec-Français", 1859 — ἀγκών.

e que tem o diminutivo ἀγκωνίσιος, gonzo, também tenha o significado, segundo Menge, de— Bucht (1).

Tudo o que disse a-propósito da bisagra, pela extrema concisão que lhe dei, pôde parecer um tanto confuso. Sendo preciso, darei os necessários esclarecimentos.

E renovando os protestos do meu reconhecimento, subscrevo-me

Com o maior respeito e adoração

José Teixeira Rego.

NOTA—Muito teria que modificar nesta carta, escrita há tantos anos, quer actualizando a bibliografia, quer precisando melhor certos pontos de vista, quer, mesmo, suprimindo uma ou outra afirmação. Entendi, porém, que não tinha o direito de o fazer.

Limitei-me, pois, a leves correcções ortográficas, e a passar para nota certa informação que por lapso tinha dado no texto.

Acrescentarei somente dois factos de que tive conhecimento muito depois de publicados os meus artigos. Em primeiro lugar, a comparação que Cuvier faz de gonzos com cõndilos. Com efeito, a pag. 100 do seu Discours sur la Révolution du Globe, (ed. de 1828) diz

(1) Hermann Menge—“Griechisch—Deutsches Schulf-wörterbuch, 1903, ἀγκών.

o grande naturalista: "... cette sorte de couronne nécessitant des mouvemens horizontaux pour la trituration, le *condyle* de la mâchoire ne pourra être un *gond* aussi serré que dans les carnassiers...} Noutro passo, chama ao condylo um verdadeiro *gond*.

Em segundo lugar, os acasos de leitura levaram-me ao conhecimento do nome próprio *Gondilo*, que certamente se relaciona com a palavra cõndilo, pois que numa palavra de tão diferenciada arquitectura, mal se pode compreender a convergência de elementos alheios. Lembremo-nos ainda que já se atribuiu a *condylus* a categoria de nome próprio, como ficou dito.

Esta forma é importante por a conversão do *c* inicial em *g*.

Eis a documentação da palavra. Foi no Onomástico Medieval Português do Dr. A. Cortezão que a encontrei. A pag. 150 menciona-se "Gondilo — n. m. 870 L. da D. Mummadona, Torre do Tombo.